

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

Data de submissão: 29/01/2024

Data de aceite: 01/04/2024

Sylvia Cristina de Azevedo Vitti

Doutora em Educação

Docente da Faculdade de Tecnologia de Piracicaba – FATEP/SP e da Faculdade de Tecnologia Deputado Roque Trevisan – FATEC, Piracicaba/SP.
<http://lattes.cnpq.br/7397900060132418>

RESUMO: O ser humano, visto como um ser cultural e social inserido num contexto sócio-histórico, apresenta a identidade como um fenômeno socialmente construído, resultado da dialética entre indivíduo e sociedade, das relações sociais. A identidade é o resultado de um processo de construção que ocorre ao longo da vida do sujeito. Dentro da teoria social e cultural contemporânea, a construção da identidade pessoal e cultural pode ser entendida como produto das relações sociais. O termo “identidade” é complexo e amplamente estudado em várias áreas do conhecimento. A identidade é multifacetada, abrangendo características imutáveis e aspectos ligados à história de vida do sujeito. Diferentes concepções de identidade foram desenvolvidas ao longo da história, fruto de mudanças sociais, políticas e econômicas. Alguns autores veem a identidade como socialmente construída, resultado da interação entre o indivíduo e a sociedade. A

perspectiva pós-moderna destaca a fluidez e a fragmentação da identidade, desafiando a ideia de uma identidade fixa. Vários autores mencionam o dinamismo da modernidade, onde as identidades são construídas em movimento, adaptando-se às mudanças sociais constantes. Identidade e diferença são interdependentes, marcadas por sistemas simbólicos e formas de exclusão social. Três concepções históricas de identidade podem ser aqui destacadas: a do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno. Observa-se uma mudança para uma identidade fragmentada na era contemporânea, marcada por negociações e reconstruções constantes. A perspectiva linguística de alguns autores destaca a construção da identidade por meio de atos de linguagem e discursos, influenciada por sistemas classificatórios que marcam a diferença, sendo vista, desta forma, como um fenômeno social e culturalmente construído. Observa-se que a identidade é um conceito dinâmico, moldado por contextos históricos, sociais e culturais. As mudanças na sociedade contemporânea, marcadas por fluidez e fragmentação, desafiam as concepções tradicionais de identidade fixa e única.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Sujeito do Iluminismo; Sujeito sociológico; Sujeito pós-moderno

CONSIDERATIONS ON THE CONSTRUCTION OF IDENTITY

ABSTRACT: The human being, seen as a cultural and social being inserted in a socio-historical context, presents identity as a socially constructed phenomenon, the result of the dialectic between individual and society, of social relations. Identity is the result of a construction process that occurs throughout the subject's life. Within contemporary social and cultural theory, the construction of personal and cultural identity can be understood as a product of social relations. The term "identity" is complex and widely studied in various areas of knowledge. Identity is multifaceted, encompassing immutable characteristics and aspects linked to the subject's life history. Different conceptions of identity have been developed throughout history, as a result of social, political and economic changes. Some authors see identity as socially constructed, the result of the interaction between the individual and society. The postmodern perspective highlights the fluidity and fragmentation of identity, challenging the idea of a fixed identity. Several authors mention the dynamism of modernity, where identities are constructed on the move, adapting to constant social changes. Identity and difference are interdependent, marked by symbolic systems and forms of social exclusion. Three historical conceptions of identity can be highlighted here: that of the Enlightenment subject, the sociological subject and the postmodern subject. A shift towards a fragmented identity is observed in the contemporary era, marked by constant negotiations and reconstructions. The linguistic perspective of some authors highlights the construction of identity through language acts and speeches, influenced by classificatory systems that mark difference, being seen, in this way, as a socially and culturally constructed phenomenon. It is observed that identity is a dynamic concept, shaped by historical, social and cultural contexts. Changes in contemporary society, marked by fluidity and fragmentation, challenge traditional conceptions of a fixed and unique identity.

KEYWORDS: Identity; Subject of the Enlightenment; Sociological subject; Postmodern subject

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

O termo identidade é originado do latim *identitas*. A conceituação de identidade é uma questão difícil e complexa e o assunto interessa a vários ramos do conhecimento. A identidade tem sido objeto de estudo da Psicologia Social e Educacional, da Psicanálise, da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia, do Direito, o que lhe confere diversas definições, conforme o enfoque que se lhe dê. O tema é de grande importância para a compreensão dos sujeitos e seu posicionamento no mundo e no espaço em que vivem e atuam profissionalmente. Porém, a atenção dedicada ao estudo da questão da identidade surgiu a partir da era do Iluminismo, já que antes disso havia a negação da individualidade. Os primeiros registros da preocupação com questões identitárias são do filósofo inglês John Locke, em 1690, que em sua obra *Essay concerning human understanding* escreveu sobre as noções de identidade e diversidade (Woodward, 2002).

A identidade pode ser entendida como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma determinada pessoa. Algumas dessas características, ligadas ao nome do sujeito, idade, sexo, parentesco, impressão digital e outras, são consideradas "imutáveis". Outras

estão ligadas à sua história de vida, como nacionalidade, personalidade, ideais, sonhos, fantasias, atividades profissionais, etc. Todas essas características fazem com que o sujeito se perceba como único, com sua realidade individual e consciência de si mesmo, permitindo diferenciá-lo dos seus semelhantes e dissemelhantes (Proença; Teno, 2011).

A revisão da literatura revela que várias concepções de identidade foram criadas ao longo da história do conhecimento humano e transformações na sua conceituação foram sendo elaboradas por diversos autores, nas diferentes fases da evolução da sociedade ocidental, conforme evoluíam as relações sociais, as relações de poder, políticas e econômicas. O tema tem ocupado as reflexões de muitos autores em diferentes épocas.

A temática da identidade é considerada um campo vasto e polêmico, marcado por polissemias, dentro do qual coexistem, articulam-se e se sobrepõem diferentes aspectos e facetas da identidade: identidade pessoal, identidade social, identidade cultural, identidade nacional, identidade grupal, profissional, corporativa, etc, cujos aspectos ora se destacam, ora se articulam, se sobrepõem e se mesclam, revelando a complexidade do tema.

Os pensadores e autores que veem o ser humano como um ser cultural e social inserido num contexto sócio-histórico apresentam a identidade como um fenômeno socialmente construído, que deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade, fruto da dinâmica das relações sociais, resultado das diversas interações entre o sujeito e o seu ambiente social, próximo ou distante, permeado pela língua e cultura. Assim, a identidade é considerada o resultado de um processo de construção que ocorre ao longo da vida do sujeito, passível de negociações e transformações, num contínuo e constante devir, nunca completado.

Segundo Brandão (1990), a expressão “identidade social”, é considerada apropriada para expressar a configuração na qual se capta o ser humano inserido na sociedade bem como na dinâmica das relações sociais, permitindo superar a falsa dicotomia entre o individual e o social. É na articulação do individual com o social, na trama da língua e da cultura, que é tecida a identidade.

De acordo com Sève:

O homem concreto constitui-se, a partir de um suporte biológico que lhe dá condições gerais de possibilidades (próprias da espécie *Homo Sapiens Sapiens*) e condições particulares de realidade (próprias de sua carga genética). No entanto, as características humanas historicamente desenvolvidas se encontram objetivadas na forma de relações sociais que cada indivíduo encontra como dado existente, como formas históricas de individualidade, e que são apropriadas no desenrolar de sua existência através da mediação do outro (Sève, 1989, *apud* Jacques, 2003, p. 162).

A identidade não é inata e pode ser entendida como uma forma sócio-histórica de individualidade, expressando uma singularidade construída na relação com outros seres humanos. Essa singularidade vai sendo construída ao longo da vida do sujeito, o qual é agente de sua história pessoal e social. Em outras palavras, como sujeito inserido

num contexto histórico e social, em que vive, é desse contexto que decorrem as suas possibilidades e alternativas de identidade. Mas o sujeito também tem um papel ativo na determinação e apropriação desse contexto, por isso ele se configura, ao mesmo tempo, como personagem e autor de sua história (Laurenti; Barros, 2000).

Ciampa (1994), psicólogo social brasileiro, em sua obra fala do ser humano em movimento, pois para ele a identidade pode ser compreendida como um processo cujo movimento é o aspecto central. Por isso, enquanto processo, a identidade vai sendo construída ao longo da vida. Segundo o autor “Identidade é movimento, é desenvolvimento do concreto. Identidade é metamorfose. É sermos o Um e um Outro, para que cheguemos a ser Um, numa infundável transformação” (Ciampa, 1994, p.74).

De acordo com o mesmo autor, a identidade é constituída por uma multiplicidade de papéis. Durante a sua vida, o sujeito vive diferentes papéis sociais, que lhe são impostos desde o seu nascimento e assumidos pelo mesmo na medida em que se comporta de acordo com a expectativa da sociedade. Ele pode desempenhar o papel de filho, de pai, de marido, de professor, etc, que são partes constitutivas da sua identidade. De modo que a identidade é composta por “diferentes personagens”, ou seja, é um “universo de personagens” já existentes e de outros ainda possíveis, mas configurando uma “totalidade”, que se apresenta passível de constante transformação, dentro da qual podem coexistir elementos contraditórios. Porém, o ser humano é um ser ativo, que se apropria da realidade social e que atribui um sentido pessoal às significações sociais; em seu universo de significados ele cria o mundo e cria sentido para o mundo em que vive. Ele pode traçar caminhos, mudar sua rota, alterar sua predestinação pelas ações que realiza junto com outros seres humanos; por isso, ele deve ser visto como “fazendo-se”, em constante “transformação”, e não como “feito” e “acabado” (Laurenti; Barros, 2000). Assim, as identidades são construções plásticas, móveis, fluidas e dinâmicas.

A leitura de outros autores contemporâneos, no entanto, nos revela diferentes abordagens do conceito de identidade. Como podemos constatar, a questão da construção da identidade apresenta-se como uma temática extremamente complexa, embora atual, bastante estudada e tema de muitos trabalhos científicos, como nos revela a revisão bibliográfica. A complexidade em questão fica ainda mais em evidência ao lermos as obras de outros autores, como Silva (2000), Woodward (2000), Hall (2000) e Bauman (2005).

De acordo com Woodward:

A questão da identidade tem se destacado como uma questão central nas discussões contemporâneas, nos contextos das reconstruções globais das identidades nacionais e étnicas e da emergência dos “novos movimentos sociais”, os quais estão preocupados com a reafirmação das identidades pessoais e culturais (Woodward, 2000, p.67).

Woodward (2000), Silva (2000) e Hall (2000) analisam a questão da identidade a partir de uma perspectiva que difere daquela anteriormente exposta. Estes autores, dentro da teoria social e cultural contemporânea, analisam a construção da identidade pessoal e cultural como produto das relações sociais, dentro de uma perspectiva linguística, ou seja, como atos de linguagem, inseridos numa cadeia de significados e representações, propiciada pela língua. Segundo os mesmos, a perspectiva linguística, ou discursiva, da construção da identidade é inspirada e embasada na obra do linguista suíço Ferdinand de Saussure e do psicanalista francês Jacques Lacan. Esses autores nos falam da identidade como um fenômeno social e culturalmente construído e reconstruído, que sofre transformações, ao longo da vida dos sujeitos, mas que é marcado pela diferença. Todos eles enfatizam a oposição identidade-diferença e sua interdependência.

Para Silva (2000), a definição da palavra identidade parece ser fácil, a princípio, uma vez que essa palavra pode parecer autossuficiente. Segundo este autor, a identidade pode ser definida como aquilo que se é. Já a diferença, seria aquilo que não se é. Porém, o autor aponta a estreita dependência que existe entre identidade e diferença. A partir daí tecemos a concepção de que somos, por exemplo, brasileiros e falantes da língua portuguesa em contraposição àquilo que não somos - falantes nativos da língua inglesa. Silva aponta que tais afirmações a respeito da identidade não fariam sentido em um mundo no qual imperasse a homogeneidade de identidades. Identidade e diferença, então, caminham juntas, pois ao afirmarmos o que somos, negamos aquilo que não somos.

Este mesmo autor afirma que tanto a identidade quanto a diferença são produzidas, sendo fruto das relações culturais e sociais. A identidade brasileira seria, então, o resultado da criação de variados atos linguísticos, que definem nossa identidade como sendo diferente das demais. Portanto, identidade e diferença são o resultado de um processo de produção da linguagem, do discurso, e estão sujeitas a relações de poder.

Ainda de acordo com Silva (2000), quando afirmamos nossa identidade e nossa diferença, as operações de incluir e excluir estão presentes, uma vez que dizer o que se é implica também em dizer o que não se é. Daí decorrem as declarações “pertencer e não pertencer”, ligando a identidade à separação entre nós e eles. Observa o autor que o processo de classificação faz parte da vida social, sendo que a sociedade produz e usa as classificações para ordenar o mundo social. Estas classificações são formadas a partir do ponto de vista da identidade e da diferença.

Woodward (2000), autora norte-americana, também ressalta em sua obra a importância da diferença na construção da identidade. Segundo ela, uma é construída em contraposição à outra, ou seja, são conceitos interligados e interdependentes, mas não opostos. De acordo com a autora:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença - a simbólica e a social - são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e a todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos - nós/eles; eu/outro (Woodward, 2000, p.39).

A autora nos informa que as identidades são construídas relativamente a outras identidades, relativamente ao “outro” ou ao “forasteiro”, isto é, relativamente “ao que não é”. Ela esclarece que essa construção aparece comumente sob a forma de oposições binárias e, segundo a mesma, a teoria linguística saussureana sustenta que as oposições binárias - a forma mais extrema de marcar a diferença - são essenciais para a produção de significado. A mesma autora também esclarece que a marcação da diferença é o componente-chave em qualquer sistema de classificação. Diz-nos ela, com base nos estudos de Émile Durkheim, que é por meio da organização e ordenação das coisas de acordo com sistemas classificatórios que o significado é produzido. Os sistemas de classificação dão ordem à vida social, sendo afirmados nas falas e nos rituais (Woodward, 2000).

Hall (2006), sociólogo e culturalista jamaicano que estudou e viveu na Inglaterra, revela em sua obra que considera o conceito de identidade demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea, apesar da questão estar sendo extensamente discutida na teoria social. Ele nos fala das mudanças pelas quais passou a conceituação de identidade nos últimos séculos, a partir do período do Iluminismo, passando pela modernidade até chegar ao que ele chama de “modernidade tardia”. Como Silva e Woodward (2000), ele também analisa o fenômeno da identidade dentro de uma abordagem linguística, discursiva, constituído a partir de identificações do sujeito e marcado pela diferença.

Segundo Hall:

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional - isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (Hall, 2000, p.109).

Segundo Hall (2006), as sociedades pós-modernas estão passando por muitas mudanças e transformações, o que afeta e transforma as identidades pessoais dos indivíduos, o que leva o autor a questionar a concepção de identidade como algo estável

e definido, como se supunha no passado, nos mostrando uma outra dimensão das identidades, ou seja, a sua permanente transformação e reconstrução, com características de fragmentação e fluidez.

Hall (2006) distingue três concepções muito diferentes de identidade na história da humanidade:

1. Do sujeito do Iluminismo, cuja identidade baseava-se

[...] numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotada das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que com ele nascia e se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou “idêntico” a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa (Hall, 2006, p. 2).

2. Do sujeito sociológico, cuja identidade era reflexo e resultado da complexidade do mundo moderno e

[...] cujo núcleo interior não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão [...] a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade (Hall, 2006, p.2).

3. Do sujeito pós-moderno, sujeito da pós-modernidade ou modernidade tardia. Este sujeito é visto como um sujeito “fragmentado”, devido às mudanças e transformações da sociedade atual, que sofre os efeitos da globalização e da “compressão espaço-tempo”, as quais afetam a identidade do sujeito, de modo que o mesmo não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. O autor nos diz:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada, transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 2006, p.2).

O sujeito apresenta uma identidade móvel ou cambiante, definida historicamente e não biologicamente. Segundo Hall (2006), o sujeito pós-moderno pode assumir identidades diversas em momentos diferentes de acordo com as identificações realizadas. Essas identidades não são unificadas ao redor de um “eu” coerente, podem ser contraditórias e sujeitas a deslocamentos. Segundo Hall (2000), a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Em seu artigo “Quem precisa da Identidade?”, o autor apresenta a crítica a respeito da ideia de uma identidade integral, originária e unificada. Ele salienta que o sujeito humano antes pensado como um ser centrado está passando, então, por um descentramento, tendo suas bases sujeitas a mudanças. O autor considera a identidade um processo nunca completado, uma vez que ela pode ser sustentada ou abandonada, identidade “móvel”, e, desta forma, nunca definitiva, uma vez que há sempre uma falta, mas não uma totalidade ou completude.

Outro autor contemporâneo, bastante conhecido, que se dedicou ao estudo da identidade é Zygmunt Bauman, sociólogo polonês. Foi professor emérito da Universidade de Varsóvia (Polônia) e da Universidade de Leeds (Inglaterra). No livro “Identidade” (2005), resultado de uma longa entrevista concedida ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, Bauman considera o tema como um assunto de extrema importância, muito em evidência na atual sociedade e, ao mesmo tempo, um dilema e um desafio.

No livro citado, Bauman fala sobre a questão da identidade como um conceito-chave para o entendimento da natureza em transformação da vida social na contemporaneidade, que ele denomina “era da modernidade líquida” ou “era líquido moderna”. O sociólogo utiliza estas expressões para se referir à atual sociedade em que as mudanças e transformações ocorrem muito rapidamente, em alta velocidade, fazendo com que os indivíduos sintam-se possuidores de uma identidade “móvel” ou com “muitas identidades”, resultantes de identificações realizadas frente a inúmeras situações de vida com que têm que se defrontar, exigindo-lhes estar sempre em movimento. Disso resulta o que ele denomina “indivíduo fragmentado”, portador de identidades várias e muitas vezes contraditórias.

De acordo com ele,

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto, como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais - mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta.

[...] A fragilidade e a condição eternamente provisória da identidade não podem mais ser ocultadas. O segredo foi revelado. Mas esse é um fato novo, muito recente (Bauman, 2005, p.21-22).

O autor citado faz uma análise crítica dos conceitos de identidade pessoal e identidade nacional. Ele próprio polonês de origem judaica, ex-professor de Sociologia Geral na Universidade de Varsóvia, teve sua obra e trabalhos censurados pelo governo da Polônia por razões políticas em 1968, perdendo a cidadania e o seu emprego na universidade. Ele sentiu na pele o exílio da própria terra natal, sentindo o que significa o drama da identidade indefinida, vivenciando o significado dos conceitos de “inclusão” / “exclusão”, “de pertencimento” / “não pertencimento” e do “sentimento de deslocado nacionalmente”, uma vez que foi excluído da cidadania polonesa na época. A partir de 1968 emigrou para outros países. Ele foi autor de muitos livros e escreveu sobre a questão da identidade pessoal e identidade nacional, como submetidas a relações de poder e de estado, assim como escreveu sobre as “comunidades sociais de vida e de destino”.

Nas palavras do autor:

É comum afirmar que as “comunidades” (às quais as identidades se referem como sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta” e outras que são “fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios”. Dos dois tipos, o primeiro me foi negado - tal como o foi e será para um número cada vez maior de meus contemporâneos. Se não tivesse sido negado, dificilmente lhe ocorreria indagar-me sobre a minha identidade. ... A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” da segunda categoria - e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a “comunidade fundida por ideias” a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultura (Bauman, 2005, p.17).

Bauman continua:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (Bauman, 2005, p.17).

Para o mesmo autor, na atual “sociedade líquido moderna” os indivíduos constroem “identidades em movimento”, lutando para se juntar aos grupos igualmente móveis e velozes que procuram, constroem e tentam manter vivos por um momento. “No admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis simplesmente não funcionam” (Bauman, 2005, p.33).

Segundo o autor, estamos vivendo num mundo de individualização em demasia, e, segundo as tendências atuais, o indivíduo tende a substituir uma identidade única e fixa por uma rede de conexões. Daí a dificuldade de assumir e manter compromissos de modo mais seguro como no passado. Os sujeitos contemporâneos sentem que devem estar em movimento, quase na obrigação de se manterem em alta velocidade, como que equilibristas. Em nossa “época líquido moderna”, no atual mundo de mudanças muito rápidas, o indivíduo flexível, desimpedido e mutável é visto com bons olhos e estar fixo, ou seja, ser identificado de modo inflexível e sem alternativa, é algo malvisto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo abrangente da identidade revela uma trama complexa de perspectivas ao longo do tempo, refletindo a evolução das sociedades e das relações humanas. Desde as preocupações iniciais de John Locke até as análises contemporâneas de pensadores como Zygmunt Bauman, a identidade emerge como um fenômeno multifacetado, intrinsecamente ligado à interação entre o indivíduo e a sociedade.

A concepção de identidade como uma construção social, moldada por fatores históricos, culturais e linguísticos, destaca a natureza dinâmica desse fenômeno. Autores como Saussure, Lacan, Woodward e Silva sublinham a importância da linguagem e da

diferença na formação das identidades, evidenciando como as pessoas se definem em relação aos outros.

A transição para a perspectiva pós-moderna, exemplificada por Bauman, enfatiza a fluidez da identidade na sociedade líquido-moderna. Nesse contexto, a identidade torna-se uma “celebração móvel”, constantemente redefinida em resposta às rápidas mudanças sociais. O sujeito pós-moderno é visto como fragmentado, capaz de assumir identidades diversas de acordo com as circunstâncias.

A crítica à ideia de uma identidade fixa e unificada ressoa ao longo do texto, sugerindo que a busca por tal estabilidade é uma ilusão. A identidade é apresentada como uma construção plástica, sujeita a negociações, transformações e contradições ao longo da vida do sujeito.

Em um mundo caracterizado pela individualização excessiva e pela globalização, a noção de identidade como uma “celebração móvel” ganha destaque. A sociedade líquido-moderna demanda a capacidade de adaptação, movimento constante e a construção de identidades que se alinhem às diversas situações e conexões temporárias.

Assim, enfatiza-se não apenas a complexidade intrínseca à identidade, mas também sua natureza fluida e adaptativa. O estudo da identidade emerge como uma jornada através das diferentes fases da evolução humana, destacando a importância de compreendermos a nós mesmos e aos outros em um contexto de constante transformação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: conversações com Benedetto Vecchi. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CIAMPA, Antonio da Costa. A identidade. In: LANE, Sílvia T. M.; CODO, Wanderley (orgs). **Psicologia social**: o homem em movimento. 10ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HALL, Stuart. Nascimento e Morte do Sujeito Moderno. In: **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACQUES, Maria da Graça Corrêa. Identidade. In: JACQUES, M.G.C.J. *et al.* **Psicologia Social Contemporânea**, Petrópolis: Ed. Vozes, 8ª ed, 2003.

LAURENTI, Carolina; BARROS, Mari N. Ferrari. Identidade: questões conceituais e contextuais. **Revista de Psicologia Social e Institucional**. Universidade Estadual de Londrina - UEL, v.2, n.1, p.24-47, jun.2000. Disponível em: <www.uel.br/ccb/psicologia/revista/TevTov2n13.htm>. Acesso em 28/04/2014.

PROENÇA, Maria Gladis Sartori; TENO, Neide Araújo Castilho. Algumas aproximações: compreendendo o conceito de identidade. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.1, n.3, p.132-145, set./dez.2011.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2000.

_____. **Understanding identity**. London: Arnold, 2002.